

# Direito varre doméstica do mercado?

**Aloísio Brandão**

Pelo que prevêem a sua própria representação e a dos empregadores, a profissão dos empregados domésticos, tão logo seja promulgada a nova Constituição, estará com os dias contados, independentemente do tratamento que venha ter na Carta. "Se a Constituinte não atender as nossas reivindicações, essa profissão vai desaparecer", adverte a presidente da Associação Profissional dos Empregados Domésticos do DF, Ana Maria Dagoberto. Igual advertência partiu da presidente da Associação das Donas-de-Casa, Vera Santana, com uma única diferença: acha que a profissão sumirá do mapa caso os empregados sejam atendidos pelos constituintes.

Os empregados domésticos somam atualmente 60 mil em todo o Distrito Federal, dos quais 80 por cento são formados por mulheres. Elas representam ainda um quarto de toda a mão-de-obra feminina local.

Quem vê essa grandiosidade, entretanto, assusta-se com um contraste ainda maior. Dos 60 mil empregados domésticos, apenas 342 são filiados à entidade dirigida por Ana Maria Dagoberto, o que traça o perfil polêmico dos bastidores e da cena dessa profissão.

## Identidade

Ana Maria justificou que esse número baixíssimo de associados deve-se, fundamentalmente, "à falta de direitos quase total dos empregados domésticos". Deriva disso, entre outras coisas, o preconceito fomentado pelo próprio empregado, não raramente, contra a sua categoria.

Os empregados — ou empregadas, como prefere chamar Ana Maria, haja vista a grande maioria das mulheres na função — "são vêm aqui na Associação quando se sentem lesadas pelos patrões. E aí que elas se identificam como empregadas domésticas. Em outras situações, elas têm receio de assumir o nome de doméstica", explica a presidente da categoria.

## Constituinte

Reconhecimento da profissão, em primeiro lugar, mais a extensão de forma plena dos benefícios da Previdência, FGTS, décimo-terceiro salário, férias de 30 dias, jornada de trabalho de oito horas, direito à sindicalização, salário-família, salário-desemprego e aposentadoria. Estes itens formam um conjunto de reivindicações e que foram apresentados à Constituinte através de uma carta assinada por 32 associações de empregados domésticos de todos os Estados.

"Talvez, porque até hoje, nós nunca tivemos nada de direitos, estamos bastante confiantes nessa Constituinte", declarou Ana Maria Dagoberto, que quase diariamente faz uma verdadeira peregrinação pelos gabinetes dos deputados e senadores constituintes, na tentativa de persuadi-los a estarem do

lado dos empregados domésticos nas votações de plenário.

A confiança chega mesmo a vislumbrar, por parte dos empregados, melhores dias para a categoria. Para Ana Maria, nos ombros de quem pesa a maior responsabilidade no trabalho junto aos constituintes, visto que mora em Brasília e tem acesso mais fácil aos parlamentares, "ou se consegue uma vitória agora, nesta Constituição, ou tudo estará perdido". De acordo com ela, mais de dois terços dos constituintes mostram-se sensibilizados com a situação "de penúria" da categoria e prometem fechar com ela no plenário.

## Congresso

Não é de agora que os empregados domésticos tentam alguma melhora para si junto às autoridades. Mais de dois mil projetos que pedem direitos para eles, após campanha dos próprios trabalhadores, deram entrada no Congresso e, hoje, dormem solenemente nos seus arquivos. "Só nos resta então essa Constituinte", acrescenta Dagoberto, para quem a Assembleia Nacional Constituinte aproxima-se da verdadeira tábua de salvação.

Fogo cerrado aqui e ali, os empregados domésticos também, a exemplo dos empresários e outros empregadores, não deixaram de recorrer a uma força que pode ser decisiva para quem quer uma vitória nesta Constituinte: o apoio presidencial. Eles enviaram uma cópia da carta que mandaram à Constituinte ao presidente José Sarney. "Nós vamos lutar até o último dia dessa Constituinte", avisa Ana Maria.

## Carteira suja

Em meio a este movimento todo em favor dos seus direitos, um fato que sempre chamou a atenção desta e das demais direções de associações de empregados domésticos de todo o País é uma estranha incompatibilidade: a da patroa e do empregado no momento de assinar a carteira de trabalho.

"É realmente difícil compatibilizar a patroa que quer assinar a carteira com a empregada que não quer a carteira assinada", conta Ana Maria. O problema concentra-se na resistência de uma grande parte dos empregados com relação à assinatura da carteira, alegando que isso "suja a carteira de trabalho".

Essa situação relaciona-se com o preconceito e com a não especialização da mão-de-obra, o que é admitido pela presidente da Associação Profissional dos Empregados Domésticos do Distrito Federal.

Grande percentual das empregadas transfere o seu sonho de vencer na vida, do meio rural para o urbano. Elas chegam ainda jovens, adolescentes, às cidades grandes sem qualificação e batem às portas campeando emprego.

Em outras situações — ou ainda mesmo dentro dessa —, quando podem, as jovens vão para a escola,

estudando quase sempre o supletivo. Na cabeça, o desejo de terminar o primeiro ou segundo grau e se introduzir no comércio como vendedoras. "Por isso, que elas não querem a carteira assinada como doméstica", explica Ana Maria, acrescentando o concurso público como outro alvo das empregadas-estudantes.

## "SNI"

Montar um banco de dados das empregadas domésticas com a finalidade de conhecer as suas procedências, hábitos, saúde, lazer, estado civil, tipo de companhia etc. Essa foi uma tentativa malograda da Prefeitura do Lago Sul, com o objetivo de municiar as donas-de-casa com relação às empregadas que cogitavam de contratar.

No entanto, a reação contrária à idéia foi logo disparada do outro lado — o da Associação dos Domésticos —, que viu na tentativa uma atribuição "do SNI", segundo Ana Maria Dagoberto. "Isso é uma criação de um SNI particular", conta ela.

A presidente disse que fez a maior gritaria no sentido de que não fosse criado o "SNI", perguntando: "Por que não fazem isso com outras categorias profissionais?" Ana Maria lembrou que motivo maior tinham as empregadas domésticas de fazer o mesmo, mas não faziam. "Por que não criar um banco desses com os dados da patroa? Afinal, os empregados têm que saber as manias da patroa, do seu filho adolescente, se este gosta de entrar no quarto das empregadas à meia-noite, ou se o seu maridinho costuma também bater na porta do quarto da empregada quando não há ninguém em casa".

## Borradeira

A situação de passividade diante do quadro que se cerca, típica da Gata Borradeira, que vivia à espreita da sua madrinha, a fada Belmira, para lhe compensar as dores, sofrimentos e humilhações com sapatinhos de cristal, carruagem, lacaio e um príncipe com quem se casar, está longe da realidade de hoje.

Mesmo assim, Ana Maria acha que a luta para tornar a profissão mais digna terá que crescer. O radinho de pilha ligado nas AMs, nas quais se ouve Amado Batista, Odair José e a atenção grudada no telefone para pedir música e falar ao locutor de suas paixões e lhe enviar cartinha com o nome de "sofredora apaixonada", carente de "um príncipe" ainda pintam o quadro de um mundo submerso nas tintas do estigma brega, mas que um dia, segundo espera a cavaleira dessa luta, Ana Maria, vai se reverter.

E o quadro terá que mudar com o "cumprimento já" dos direitos assegurados pela CLT, de pagamento do salário, assinatura da Carteira Profissional, contribuição com a Previdência Social e férias (de 30 dias). Ana reconhece também que as empregadas precisam se profissionalizar mais.

Vaitério Ayres



BRASILIA, DISTRITO FEDERAL, SEXTA-FEIRA, 4 DE SETEMBRO DE 1987

## Para a patroa, incompetentes

"Eu desconheço a classe das empregadas domésticas". A farpa foi lançada pela presidente da Associação das Donas-de-Casa de Brasília, Vera Santana. Justificativa para isso, segundo ela, é o que não falta.

Vera acha que as empregadas não são especializadas em nada, ao contrário dos bombeiros ou outras profissões. E alertou: "Antes de saírem por aí reivindicando, as empregadas deveriam saber cumprir os seus deveres".

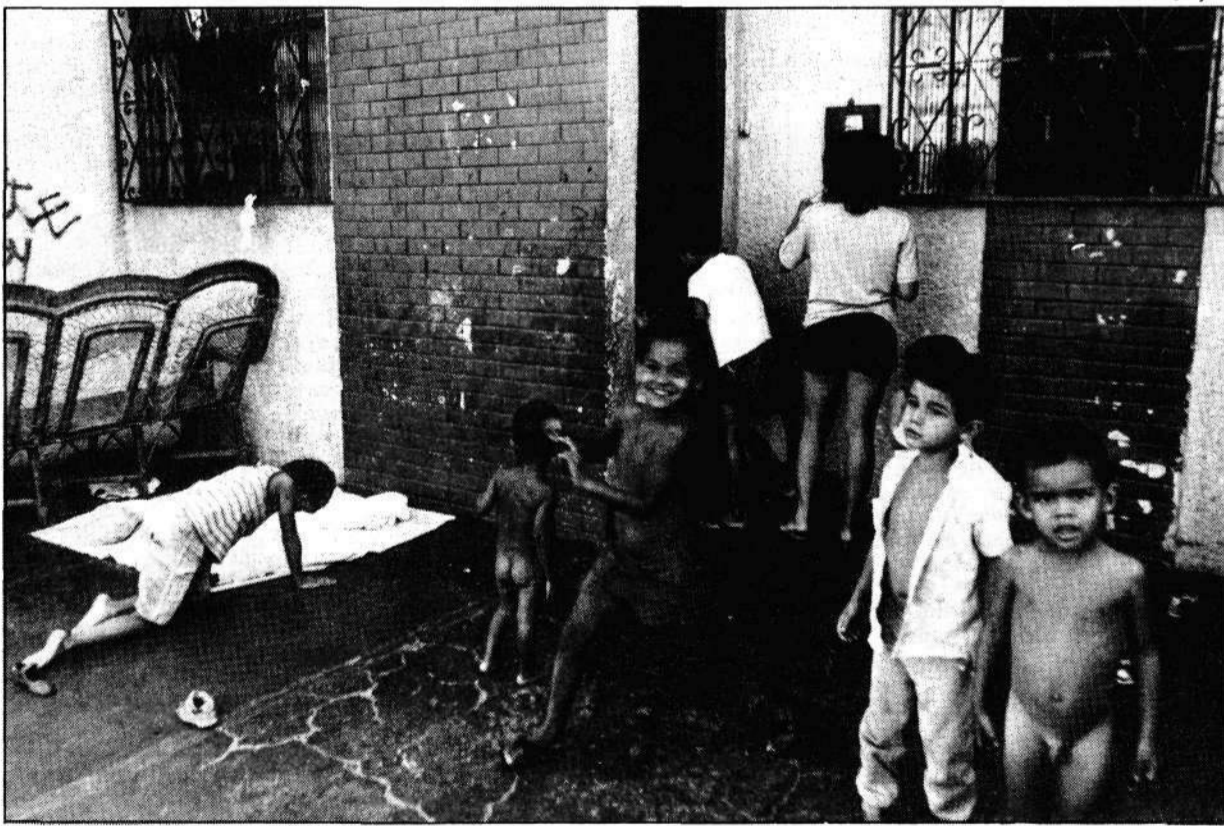
Arquivo 07/05/80



A incompetência somada às grandes exigências traçam, segundo Vera Santana, o perfil das empregadas domésticas em Brasília e no País inteiro. Ela pede mais qualidade por parte das empregadas, "para que estas um dia possam chegar na casa de uma patroa e dizer: «eu sei tomar conta de criança,

lavar, passar e cozinhar», explicou acrescentando que o que se verifica é uma situação completamente adversa.

Vera Santana previu que, se os constituintes vierem aprovar todas as reivindicações das empregadas, a profissão vai se extinguir, pois "as donas-de-casa não poderão arcar com tanta despesa e tendo em troca, má qualidade e incompetência". E por tudo isso, Vera Santana diz que "não tem empregada doméstica".



A creche para os filhos das empregadas domésticas atende a um problema comum a todas as mulheres trabalhadoras

## Creche resolveu a questão

Sediada numa casa cedida pelo Grupo Brasal, no Guarã 1, a Associação Profissional dos Empregados Domésticos teve necessidade de ocupar apenas um quarto com o seu escritório. Foi aí que surgiu o clic na cabeça de Ana Maria: "Por que não ocuparmos o resto da casa com uma creche para os filhos das domésticas filiadas à Associação?"

Problema comum a todas as mulheres trabalhadoras — as domésticas não fogem à regra — o lugar onde deixar o filho veio ser resolvido com a creche. Ela reúne hoje 39 crianças, numa casa de 120 metros quadrados — a OMEP (Organização Mundial de Educação Pré-escolar) observa que ali só caberiam 25 menores.

As crianças passam toda a semana na creche, juntando-se às suas mães somente aos sábados para retornarem às segundas-feiras. Cada mãe paga Cz\$ 500,00 por filho — a quantia diminui se ela tem mais de dois — e a creche conta com apoio ainda do Centro de Desenvolvimento Social (CDS) do Guarã, que colocou uma

assistente social para dar orientação às mães e ao pessoal que trabalha no local e também uma monitora.

Esta vai três vezes por semana dar atividades programadas para as crianças. O CDS apóia também com a colocação no local de uma nutricionista. Apoio ainda da OMEP, com material didático e brinquedos e da LBA, através da alimentação. Ultimamente, o Clube de Unidade Vizinhança vem permitindo que os pequenos usem, durante três vezes por semana, as suas áreas de lazer.

